

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

A AÇÃO DAS ONGS E AS NOVAS FORMAS DE INSERÇÃO PROFISSIONAL DA GEOGRAFIA

*Roberto Verdum*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 23: 121 - 124, março, 1998.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38387>

---

Publicado por

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



Portal de Periódicos  
**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

## Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - março, 1998

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## A AÇÃO DAS ONGS E AS NOVAS FORMAS DE INSERÇÃO PROFISSIONAL DA GEOGRAFIA

Roberto Verdum \*

Procurando orientar-me pelos objetivos propostos nos eventos que discutem o espaço geográfico e o papel do geógrafo, penso que nossa presença nestes debates revela necessariamente a responsabilidade de contribuir para atualização e qualificação do profissional. Além, é claro, de fortalecer cada vez mais o intercâmbio necessário entre nós, seres teóricos e práticos da Geografia.

Neste sentido, para iniciar nosso diálogo, acredito ser interessante partir dos posicionamentos que tentam questionar principalmente nossa *formação*, o *reconhecimento* e a *atuação profissional*. Três apoios que estão imbricados e que se revelam essencialmente díspares no conjunto dos profissionais de Geografia no país. Assim, a nossa participação neste debate tenta expor de forma crítica algumas experiências que possam contribuir no reforço daqueles três apoios de desenvolvimento da Geografia e conseqüentemente no auxílio da formação da cidadania.

Quanto à formação do profissional, trago para esta reflexão a recente experiência vivida junto a escola francesa de Geografia, especificamente a de Toulouse, quando do desenvolvimento do trabalho de tese. Isto é, quais as principais bases teóricas e metodológicas elaboradas pelos geógrafos franceses e que contam cada vez mais com a co-participação de outros profissionais das áreas afins?

Percebe-se então, que dois conceitos são básicos atualmente na produção geográfica francesa: *ambiente* (environnement) e *gestão/gerenciamento* (aménagement). Este último foi formalizado através de um grande movimento voluntário de reconstrução das economias após a II Guerra Mundial que impulsionaram as primeiras tentativas de *planificação territorial*. Aquele outro, derivado das políticas de proteção à natureza, geradas pela própria disfunção dos programas de gestão – estudos de impacto. Percebe-se, então, que há uma ruptura conceptual e institucional ainda em grande parte presente na produção científica francesa. Neste contexto, entende-se que aos geógrafos caberia buscar e assegurar a dinâmica entre os conceitos de ambiente e gestão em torno do conceito de *território* (aménagement du territoire). Cabe à Geografia estudar, definir e

caracterizar as configurações espaciais dos fenômenos através do conceito de território e das técnicas associadas (cartografia, foto-interpretação, sensoriamento remoto, etc.).

Três níveis de análise são fundamentais para o estudo das configurações espaciais dos fenômenos:

- a) poder distinguir o(s) fenômeno(s) a serem cartografados;
- b) poder analisar o dinamismo diferenciado do(s) fenômeno(s): escala temporal;
- c) poder avaliar a dimensão do(s) fenômeno(s): escala espacial.

Segundo G. BERTRAND (1991) no Colóquio de Prospectiva, organizado pelo Ministério da Pesquisa e da Tecnologia em 1990 em Paris, a Geografia foi reconhecida como a *ciência social dos territórios*. Considera-se que a *análise das estratégias sociais e dos modos de representação em relação ao ambiente* serviriam como instrumento para uma ação. Sendo assim, ao geógrafo seria necessário não só buscar uma *explicação no passado ou assegurar uma interpretação atual do(s) fenômeno(s)*, mas também *procurar projetar as relações da sociedade com o ambiente*, principalmente quando se observa a evolução rápida e mutante destas relações.

A importância deste referencial na Geografia francesa revela-se quando do atual debate teórico e político-administrativo relacionado às proposições de reorganização do território francês e, em extensão, o europeu. O objetivo deste foco de discussões insere-se na tentativa de permitir às coletividades locais definirem suas posições em relação a uma nova política de organização do território, a França de 2015, concebida pelas instâncias governamentais.

As reflexões giram em torno das disparidades regionais, isto é, desigualdades espaciais quanto à concentração da população e das atividades nas grandes aglomerações, seguida de depressão social no espaço rural. A França, caracterizada por uma estrutura urbana centralizada basicamente sobre a região parisiense, coloca em questão a capacidade do país em sustentar a concorrência que se projeta em relação às outras metrópoles européias. Esta concorrência resgata principalmente a competitividade econômica e as possibilidades de criação de empregos, além da pluralidade de recursos disponíveis e dos fatores de atração. Dentre estes podem ser citados: os centros de produção científica, os sistemas de transporte, a qualidade de vida e a sensibilidade aos problemas ambientais.

É neste contexto de reorganização espacial do território francês que destaca-se a importância das *organizações sociais locais* no processo de definição das novas políticas a serem propostas. A instrumentalização teórica/técnica destas instâncias de poder é uma das facetas da participação do geógrafo no processo decisório.

No Brasil, o fortalecimento do Estado democrático revela-se quando da participação crescente no âmbito das políticas públicas das várias formas de

organização da sociedade civil, estruturadas a partir de princípios e objetivos específicos ou amplos. Neste sentido, observa-se a inserção das ONGs (organizações não governamentais) no grande esforço nacional para implementar um modelo de desenvolvimento econômico em bases sustentáveis, que erradique a miséria e a ignorância, e que possibilite a assimilação efetiva do componente do meio ambiente nas formulações de políticas públicas setoriais. (Diretrizes de Ação para o Meio Ambiente, 1993).

As diretrizes acima referidas projetam a fase inicial de um plano que procura elaborar um diagnóstico sobre a questão ambiental no país, a partir de três grandes enfoques: o das políticas públicas, o da legislação ambiental e o da sociedade civil. Na concepção deste projeto evidencia-se a inserção crescente do setor não governamental na política nacional como um interlocutor permanente no processo de tomada de decisão e não mais apenas na forma de pressões circunstanciais. Sinais desta renovação são a constituição e o fortalecimento do Fórum Brasileiro de Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, como principais agentes de encaminhamento político para a sociedade. A ação destas organizações sociais, não mais baseada na simples defesa do meio ambiente através de referenciais protectionistas do passado e das idéias de conservacionismo universal, evolui para uma complexidade em função de um número muito maior de visões e de interesses sociais específicos, tais como, as questões relativas à pobreza, à renda, aos mecanismos de mercado, etc. Cabe assim, a este segmento da sociedade pensar a defesa do ambiente natural e as carências sociais através de uma dimensão maior, articulando-se na busca da diversidade de soluções e na capacidade de negociação.

Este quadro revela-se de extrema importância na projeção da sociedade brasileira em geral e especificamente do profissional de Geografia. A ação das ONGs está intimamente associada com a geração de conhecimento acadêmico, assim como depende de sua parceria para que estas possam fundamentar suas opções políticas.

A experiência profissional pessoal de participação em perícias técnicas junto às associações ambientalistas para a elaboração de *laudos técnicos*, instrumento este essencial no encaminhamento do processo judicial no caso de dano ambiental, tem fortalecido a importância da Geografia na espacialização dos fenômenos e na compreensão de suas dinâmicas. Esta prática projeta novas formas de inserção profissional da Geografia, revelando a crescente necessidade dos segmentos da sociedade civil organizada em construir seus quadros com a efetiva participação do profissional.

Entende-se que a aproximação destes profissionais às ONGs deve ser encaminhada quando da realização de estágios obrigatórios e supervisionados nos cursos universitários, capazes de incentivarem o reconhecimento da profissão perante a sociedade. Considera-se que a própria aproximação do meio acadêmico

a este segmento da sociedade civil organizada deve gerar novas reflexões e conhecimentos no âmbito dos cursos de Geografia e de outras áreas da ciência, perspectiva esta que já vêm sendo observada em vários países do mundo em relação à participação de quadros profissionais nas ONGs.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTRAND, George. *Territorialiser l'environnement – un objectif pour la Géographie*. Toulouse: CIMA (Centre Interdisciplinaire de Recherche sur les Milieux et l'Aménagement Rural), 1991.
- COMISSÃO DE DEFESA DO CONSUMIDOR, MEIO AMBIENTE E MINORIAS. Brasília, Câmara dos Deputados. Diretrizes de Ação para o Meio Ambiente no Brasil – Relatório Final. 1993.
- DATAR (Délégation à l'aménagement du territoire et à l'action régionale). Guide de réflexion – principaux thèmes du débat national sur l'aménagement du territoire. Paris, 1993.
- LACOSTE, Yves. *Paysages politiques*. Paris: Librairie générale française – Le livre de poche, 1990.
- VERDUM, Roberto. “Perícias e laudos técnicos: um espaço para uma nova prática científica”. In: VERDUM, R. e MEDEIROS, R. M. V. *RIMA: Relatório de impacto ambiental – legislação, elaboração e resultados*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1995, 3ª ed.

---

\* Professor no Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFRGS.